

Lili:

Bom dia, Estamos no ar.

Amnéris:

Então, bom dia para todo mundo, para as minhas companheiras, Cris e Lili, para a Heberly e para todos que estão nos escutando. Eu dei esse nome, narcisismo maligno e Psicopatia, e eu vou tratar esse narcisista maligno e psicopatia como primos e irmãos. Ao longo da live, talvez possamos fazer diferenciações, mas eu penso que são primos e irmãos. Tem gradações entre eles que eu posso eventualmente formular. Eu penso que eu vou fazer essa live partindo de um velho amigo meu no século XVIII, que é o Jean Jacques Rousseau. Por que eu vou partir do Rousseau em 1748? Porque eu não me sinto à vontade de trazer as categorias da psicanálise para a sociedade.

Eu faço isso como licença poética, eu vou fazer isso hoje. Mas eu penso que trabalhar com antropólogo, com sociólogo, me dá mais legitimidade para a minha fala do que fazer Puxadinho da psicanálise. Desculpe falar assim, mas me sinto mal de fazer isso. A Santina, Não sei se ela está nos escutando. Ela perguntou, mas Amnéris, **e os complexos culturais na psicologia analítica?** Eu vou dar um lugar para isso também, porque **eu penso que a psicologia analítica, diferentemente da psicanálise, trabalha o indivíduo como produto do meio.** Então, **é diferente da psicanálise que trabalha o indivíduo e não essa construção. O indivíduo como produto do meio é uma ideia romântica, rousseauísta, que o Jung traz para o século XX.** Agora, A psicanálise não trabalha com essa noção. Por isso que o puxadinho não dá certo. Na psicologia analítica, eu penso que a coisa funciona diferente. Depois, eu volto a essa questão.

Então, **o que dizia o Rousseau em 1748**, num livro importantíssimo, chamado **O Discurso da Desigualdade**, que é conhecido como o segundo discurso. Ele dizia o seguinte, Ele formulou uma civilização narcísica. Por que a civilização era narcisista? Porque **ele construía a ideia imaginativa de que as paixões do homem no seu estado de natureza é o amor de si e a pitié.** Pitié É uma formulação que toda bibliografia usa em francês, mas a **pitié é a compaixão.** Então, **o homem, no estado de natureza, fora da sociedade, Ele teria o amor de si, mas esse amor de si seria contrabalançado pela compaixão.**

Isso permitia a ideia muito ventilada e pouco compreendida do Bom selvagem. Ou seja, O homem nasce bom. **O que é essa bondade no Rousseau? É esse equilíbrio cósmico. Era o Krenak do século XVIII.** Põe o Krenak no século XVIII, que dá certo. **O amor de si e a pitié. Na medida em que a civilização se dá, e, principalmente, a modernidade, o homem vai fazendo com que... a sociedade faz com que a pitié ou a compaixão fiquem muito fracas, muito fracas. A ideia de empatia. E o amor de si se transforma em amor-próprio.**

Isso faz com que a civilização do Ocidente seja uma civilização narcísica. E a modernidade levou o enfraquecimento da **Pitié** às últimas possibilidades, Ela desaparece, e só resta o amor-próprio. Isso é o narcisismo. Não tem mais a

relação com o outro. Ou, Se existe a relação com o outro, ela é muito enfraquecida.

Então, **por isso que o Rousseau chamava a civilização ocidental moderna de narcísica. Ele não dava este nome**, mas os comentadores, e eu ressalto o comentador que eu mais gosto, que é o Roberto Salinas Fortes. Nesse livro, O Paradoxo do Espetáculo, que acho que a Heberly até pode disponibilizar, porque temos escaneado, Esse livro é um clássico do Rousseau, e **ele vai mostrando como é que essa sociedade ou essa cultura**, Essa civilização narcísica **vai se compondo através da prevalência do amor-próprio e do enfraquecimento da pitié. Eu fico mais à vontade... Com esta construção da civilização narcísica do que trazer os conceitos do Freud de narcisismo.**

Aliás, **o narcisismo não é uma marca freudiana, é uma marca do Rousseau**, que em 1748 já falava do narcisismo. **A ideia do narcisismo na psicanálise nos remete à própria fundação do eu.** A própria formação do eu. Então, eu penso que o narcisismo, nesse sentido, ele não pode ser colocado como, Vamos dizer assim, como estendido para a sociedade. É claro que os autores da psicanálise trabalham muito com a ideia de um caráter narcísico. Se vocês quiserem o livro do Bollas, eu recomendo vivamente. Três tipos de caráter. Acabou de sair pela editora Escuta. E ele trabalha o borderline, o narcisismo e o caráter maníaco depressivo. Eu vou me valer muito do caráter narcisista do Bollas. Ele está pensando nos seus pacientes.

Tudo que eu vou falar aqui é muito da cultura, porque eu vou citar muito filme, muita literatura, Mas eu cheguei a isso através dos meus pacientes. **Quem vem para o consultório?** A personalidade é. Eu tive alguns narcisistas, sim, **Eu tive alguns narcisistas que ficaram pouco tempo e quando saíram, não me disseram nem tchau.** É assim. **Mas eles frequentam também o consultório, principalmente quando eles estão no fundo do poço, e já destruíram tudo, absolutamente tudo.** Aí, eles vêm para o consultório. **Eu fico muito compassionada dos transtornos narcísicos, porque a alma é muito esvaziada, muito.** Por que é tão esvaziada? **Porque eles têm uma carga de ódio interna. Que faz com que haja uma desobjetalização.**

O que nós fazemos o tempo todo, nós que temos alguma saúde, é objetalizar a alma, ou fazer com que a nossa alma seja cada vez mais povoada, como diz o Christopher Bollas. O narcisismo faz o contrário, ele desobjetaliza. Os poucos objetos internos que ele tem, ele desobjetaliza. Essa é uma formulação do André Green. Eu gosto muito dessa formulação.

Quem tem uma dose grande de amor interno constrói uma mente povoada. Quem não tem uma dose de amor, mas tem uma dose de ódio, vai desobjetalizando os poucos objetos internos. Eu penso que isso mostra o esvaziamento da alma narcísica. Mas eu vou, Uma vez colocada, essa ideia de uma civilização narcísica em função do enfraquecimento da pitié, Eu quero colocar como licença poética algumas questões políticas e culturais nesse momento que atravessamos. É uma licença poética que eu tomo.

Eu não acho que a sociedade brasileira seja perversa. E não acho porque **tem muitas sociedades brasileiras hoje. Não dá mais para falar num Brasil**

integrado, numa construção imagética e afetiva, única. Por isso, eu penso até que os complexos culturais são bem-vindos da Psicologia analítica, porque as sociedades hoje estão proliferando.

Eu gosto muito de **um artigo de um antropólogo da USP, O Stélio Marras**, Se vocês quiserem, eu também disponibilizo, que chama-se **“Brasis”**, não chama mais Brasil. **Nós temos uma confluência de sociedades imagéticas e...**

Afetivas que estão se friccionando. Então, o que eu vou falar?

Pertence a um grupo muito específico, que é a extrema-direita, que ganha muita força depois de 2014, com o golpe dado em torno da Dilma. **Essa extrema-direita, Eu penso que nós podemos ver nela perversão.** Mas como que você conhece o Pazuello? Você conhece o general Heleno? **Você conhece o inominável para dizer que eles são perversos? Não conheço.** Graças a Deus, não tive o prazer de conhecê-los, mas eu sinto os efeitos em mim. Vale dizer, **o que eu vou falar é via contratransferência. Esses efeitos em mim são inegáveis.** E quais são esses efeitos que eu pego pela contratransferência que eles, infelizmente, me proporcionam.

A primeira, **Eu vou usar um conceito que eu gosto dele, de dissonância cognitiva.** Ele foi criado por um psicólogo social na década de 50, chamada **Leon Festinger.** Ele era um psicólogo social, Ele criou a ideia de dissonância cognitiva. Na década de 50. **Eu gosto desse conceito** porque eu penso que **ele é preciso. Você tem** o tempo todo. **Um abalo da sua cognição,** feito pelas fake news, pelas mentiras, pelas risadas que um inominável deu durante uma pandemia de 700 mil mortos. **Ele ria e... Caçoava daqueles que não respiravam.** Quer dizer, **isso são atos de perversão, mas isso nos abala profundamente.**

A nossa cognição, eu sinto, Ela é **abalada** e muito abalada **em função desta quadrilha,** Eu penso que é uma quadrilha, **que tomou poder e vem crescendo no mundo,** infelizmente. Eu diria que essa é a primeira questão, a dissonância cognitiva. Eu quero muito me apoiar na década de 40 e 50 do século passado, Porque **o século passado preparou para nós alguns conceitos muito importantes para entender a extrema direita no século XXI.** É incrível, A dissonância cognitiva é uma delas. Está em torno dos anos. 50. Depois, eu vou falar de alguns filmes. Que também prepara um terreno para a gente compreender o aprisionamento mental chamado gaslight. Mas já, já eu entro. Eu quero pensar também com vocês que **nós temos uma tradição filosófica de 2.500 anos, que busca a verdade.** Isso daí é uma marca interna, nossa. **Quem trabalha na área psi trabalha com a verdade, a verdade do sujeito. É isso que ele vem buscar nos consultórios.**

Acho que, **sem essa ideia de verdade, não haveria nem psicanálise.** Se não existisse **algo que o indivíduo reconhece como verdadeiro na sua psique e na sua subjetividade.** De qualquer maneira, **Nós temos 2.500 anos de filosofia em busca da verdade, inclusive destronando a ideia de verdade,** porém, girando em... Torno da verdade. Isso é indiscutível. **Mesmo o Nietzsche, ele está trabalhando em torno da verdade. O que a extrema direita faz é que percamos, percamos, é feio, que a gente perca a ideia de verdade.**

Porque não existe mais verdade quando existe um campo de fake news que nos abala na cognição, o tempo todo. **A verdade, ela é destronada.** Com isso, **nós ficamos sem norte, porque nós somos uma tradição de pensamento em torno da verdade.** Isso daí está muito, muito abalado, porque você insistentemente perde a verdade de fato. Pelo menos essa, **a verdade dos fatos, nem essas são mais reconhecidas.**

Você produz fake news o tempo todo. A extrema-direita produz o fake news o tempo todo. E quem é do campo mais progressista, de esquerda? É obrigado a repor a verdade. O tempo todo. Isso é muito cansativo. Eu quero lembrar vocês que **isso que está acontecendo, de alguma maneira aconteceu,** de alguma maneira que lembra, Aconteceu **na Grécia, Antiga, quando se instaurou a ideia de democracia.** Eu penso que a ideia de democracia, com todas as... Falhas da democracia grega, Ela foi inaugural. E digo mais, **Ela não foi inventada pelos homens.** Se vocês lerem a Odisseia, **o primeiro canto da Odisseia é a democracia.** Entre os deuses. O que aconteceu nessa primeira grande aparição democrática mítica? O Ulisses está voltando. Voltando para Ítaca, Átina é a favor de Ulisses, mas Poseidon faltou na Assembleia. E como Poseidon faltou na Assembleia, ele não reconhece os direitos da Assembleia e passa a perseguir Ulisses. Então, eu penso que **a democracia não é só grega, Ela é mítica, também.** E foi um guia importantíssimo à Odisseia.

Mas **na democracia grega, século V, Antes de Cristo, existia uma corrente filosófica que dura 70 anos, mais ou menos, chamada Os sofistas.** Os sofistas queriam, porque as assembleias eram democracia direta, **Quem falava melhor ganhava a assembleia.** E os sofistas inventaram o que nós reconhecemos depois, como retórica. O grande nome da sofística foi Protágoras. E ele dizia o seguinte, **que as coisas precisam,** eles diziam Nessa corrente filosófica, as coisas precisavam parecer verdadeiras. **Elas não precisavam ser verdadeiras.**

Então, **eles ensinavam a retórica na ideia-chave de “vraisemblance” (aparência verdadeira), parecer verdadeira e não falar a verdade. Contra eles, Sócrates e Platão buscavam a verdade. Essa busca da verdade venceu a sofística de então.** Mas eu penso que **foi uma corrente que produz ecos até hoje,** Porque as fake news parecem verdadeiras, ou nem parecem verdadeiras, mas elas falam como se fosse verdade. E isso daí tem ecos ainda, eu penso, da retórica e da sofística. **Muito mal costurado, hoje.** É um arremedo do que foi a retórica e a sofística do passado. Mas tem **essa ideia de que o discurso pode parecer verdadeiro e não ser verdadeiro. Isso abala a nossa cognição insistentemente.**

Então, **eu penso que esse abalo da cognição** trazido pelo Leon Fessinger, **ele é o primeiro momento da gente compreender o que é o aprisionamento mental e o gaslight.** Eu vou aproximar esses conceitos. **O outro afeto muito presente,** que depois eu vou retomar, **é o roubo do amanhã.** Eu penso que o roubo do amanhã é um afeto. E as pessoas mais conscientes ou mais críticas que são atravessadas... Pela cognição, **pela dissonância cognitiva e pelo roubo do amanhã, fica numa situação insuportável.** Porque se não podemos, como está nossa mente programada, **nossa mente está programada numa linearidade e num progresso. Os românticos sempre foram muito críticos a isso.** Desde o

Rousseau até o Jung. Não querem saber da ideia de modernidade e de progresso. Foram realmente críticos a isso. **Mas a nossa mente está programada para a ideia de que amanhã será melhor.** A medicina vai nos salvar, não vamos mais morrer, seremos eternos, Vamos até Marte. Nós estamos programados para a ideia de que amanhã será melhor. **Ora, É exatamente aí que estamos, frente à crise climática e à emergência da extrema-direita. O nosso amanhã está sendo roubado.** O que acontece com cada um de nós? Quando o amanhã é roubado? Eu vou voltar a isso. Mais tarde. **Terceiro, grande afeto que eu sinto em função desta perversão desta quadrilha é a indiferença dos muitos. A indiferença é um afeto.** O que acontece na indiferença? E que tanto nos provoca repúdio a nós que estamos vendo, ou mais críticos, que estamos vendo.

Para onde esse barco está indo. Eu penso que **a indiferença é uma negação muito grande de tudo que está acontecendo. Mas tem uma razão de ser. O mundo se tornou tão complexo, tão complexo, que as pessoas foram jogadas na impotência.** O que adianta eu separar o lixo? O que adianta eu ir me manifestar? O que adianta estar um pouco nesta chave? Por isso, **A indiferença se tornou um meio de sobrevivência.** Ruim, muito ruim. Mas **que tem uma razão de ser. A negação nos permite viver. Eu não quero saber da negação,** Eu sou atravessada pelos afetos o tempo todo, **Mas eu sei o custo disso para mim e sei o custo disso para os meus pacientes. Insônia, pânico, ansiedade generalizada,** generalizada e muita, muita medicação. Então, esse é o resultado desta... Destes afetos que estamos suportando.

Eu vou voltar para o narcisismo maligno e para a psicopatia. Num dos aspectos, eu vou pegar alguns aspectos tecidos pelo Bollas. Eu recomendo muito esse texto, gente. Eu penso que tem muitos canais no YouTube com os quais, inclusive, eu aprendi sobre narcisismo maligno e psicopatia. A minha fala será diferente, porque a minha fala será Bollasiana. E para o Bollas, a intersubjetividade é a chave.

Então, eu não posso falar do narcisista maligno. **Eu penso no narcisista maligno, sempre na relação intersubjetiva.** Aliás, no. consultório. O que o Bollas está fazendo é na relação analista analisando. Mas não só. Então, **uma das características deste jogo... perverso, que opõe o narcisista maligno e o psicopata, é a transgressão da lei. Quem é a lei? São eles. A onipotência chega a tal ponto que a lei, Eles mesmos formulam, eles não se submetem a uma lei maior.** Impossível não ver isso no 8 de janeiro, nas tentativas infinitas de golpe. O tempo todo, **A lei é a lei da extrema-direita.** Eles não obedecem mais a nenhuma lei. Isso também é muito, muito... **Abala muito quem tem convicções democráticas.** Porque quem tem convicções democráticas se submete a uma lei maior, que é da Constituição. Então, eles não têm esse problema. **E nas relações individuais, o narcisista... Ele é a lei. Ele está acima, sinceramente, em muitas relações de Deus. Porque não tem parâmetro, nem transcendental, nem político para ele. Ele é a lei.** Outra característica que o Bollas insiste é na **imagem de grandiosidade de Narciso.**

Ele é um ser muito racional, gente. Muito racional. Ele não tem emoções, narciso. Ou **ele tem pouquíssimas emoções. A chave dele é a racionalidade, e a estratégia,** as estratégias que ele vai montando. **Mas ele tem um senso de**

grandiosidade. E ele precisa da validação externa para esse senso de grandiosidade. Então, tudo que você não pode fazer quando está com um narcisista É uma crítica, porque vai despertar o... Que nos narcisistas mais moderados, vai despertar uma coisa chamada fúria narcísica, que é muito diferente do psicopata, para pôr uma diferença. Porque o psicopata, ele, frente a uma crítica, ele guarda a crítica. E vai se vingar de você de uma forma cruel. Mas o narcisista ou os vários graus de narcisismo, e pe... Permite ainda a fúria narcísica, Ele se mostra. Você nunca sabe quando vai despertar a fúria narcísica de um narcisista. Aliás, isso é uma matemática muito forte no consultório. Mas o que eu fiz para despertar a fúria narcísica? Pus o tomate na geladeira no lugar errado.

Basta, basta. **A pessoa fica, Quando está com o narcisista, ela fica tentando não despertar a fúria narcísica e, de alguma maneira, estudando o Narciso para ver quando a fúria narcísica vai se dar. Não adianta, querida. É um acúmulo de ódio que precisa sair. Então, qualquer coisa dispara a fúria narcísica, diferentemente do psicopata. Então, essa imagem de superioridade, Ele precisa garantir o tempo todo. E ele garante, através da parceria, que ele está. Em geral, uma parceria eco. Em geral, Quem está com Narciso ou com narcisista, A pessoa não precisa ser inteira personalidade, eco, mas ela é eco com o narcisista. Por quê? Porque é o lugar que o Narciso admite para qualquer parceria. Então, nós temos tudo. Nós temos personalidade eco, nós temos traços narcisistas. Dependendo da interação, algo é chamado em nós.**

Eu gosto muito de uma formulação do Bollas, que está no livro “Histeria”. Ele diz o seguinte, Uma pessoa normal é louca de várias maneiras. Uma pessoa que tem uma fixação na loucura, aí sim, tem uma patologia. Mas eu tenho personalidade eco, eu tenho traços narcísicos, eu tenho, inclusive, traços psicopáticos, que... Podem ser chamados nas interações sociais e nas interações com as nossas parcerias. Então, A gente precisa ter um cuidado conosco, mesmo. O que é que estão chamando em nós? Porque a gente responde. Então, Eu penso que a personalidade eco, que acompanha narciso, pode ser de pessoas muito diferenciadas, muito diferenciadas.

Que tem uma força cultural, que tem uma força no seu trabalho, que é uma pessoa dita, normal, com uma função social e que resolve... É valente, é uma pessoa valente. Só que, se ela se põe com um narcisista, ela vai para o lugar da Eco. Aí é que está a importância da interação. **Não adianta a gente falar e classificar narciso. Não, Nós somos esse amontoado de traços. O Bollas não trabalha com estrutura, Ele trabalha com essa possibilidade de traços de maníaco depressivo, narcísico, personalidade, eco, e também uma personalidade mais normal, mas que suporta alteridade. Mas quando estamos com Narciso, nós somos convocadas para ocupar o lugar de eco. Então, uma das perguntas que, infelizmente, não respondemos na última sessão, e que acho que foi até da Lili e da Cris, É se essa personalidade é sádica ou masoquista?**

Eu penso que psicopata é sádico, aí não tenha dúvidas. O narcisista maligno, Ele também pode ser sádico, mas ele não precisa necessariamente encontrar uma masoquista para fazer companhia para ele, Às vezes acontece. Mas, em

geral, são personalidades até normais que, convocadas, fazem parceria com o Narciso, através de eco, da sua personalidade eco. O que faz eco ficar na parceria com o narciso? Se ela é desvalorizada, humilhada, e ela tem que ficar aplaudindo a grandiosidade de Narciso. Eu penso que o que faz com que ela fique é que ela tem uma ilusão. A respeito de Narciso, que ele teria um ego que ela não tem. Um ego.

Ela se equivoca muito, a personalidade eco, quando é mais desenhada. Na personalidade eco, **porque Narciso não tem um ego bem formado, ele tem um campo de defesa inacreditável**, né? Então... **A Eco tem uma ilusão** de que ele, **nossa, que ego forte**, que ele tem, ele é comandante, **ele sabe agir no mundo. Ela tem uma inveja disso que lhe falta**. Porque quando a personalidade é o mesmo, o ego é muito frágil. E ela acha que Narciso tem um ego que ela gostaria de ter. Não tem. **É um campo ilusório que vai se esboroar, que nem a... Torre do Tarô. Ainda bem que existe a Torre do Tarô, porque esboroa a parceria.**

Então, eu quero falar agora de **algumas características de Narciso** para a gente já caminhando para o fim. **Uma delas é a dupla face de Narciso**. Não tem um livro melhor para a gente ver isso? Essa dupla face? Do que o livro do Stevenson, Robert Stevenson, que em 1870 escreveu um livro muito importante, que é **Dr. Jekyll e Mr. Hyde, o médico e o Monstro**. O Dr. Jekyll é um médico de uma cidadezinha, extremamente bondoso, generoso. Amante da verdade, Todo mundo gosta do Dr. Jekyll, Só que, à noite, ele vira Mr. Hyde, e **hyde em inglês é escondido**. Então, **Mr. Hyde está escondido no Dr. Jekyll**. É maravilhoso esse livro, para quem quiser entender de narcisismo e da dupla face de narciso, precisa ler esse livro, Porque não tem uma literatura que eu penso mais acabada do que isso. **O Stevenson, nesse livro, diz uma coisa que é muito presente na psicologia analítica**. Ele diz, **olha, eu descobri dois na alma humana**, Dr. Jack e o Mr. Hyde, **Mas ainda conseguiremos trazer uma cidadela de outros**. Ou seja, **Ele já estava pensando numa multiplicidade da alma, numa alma povoada**, mas ele trouxe a... Tona essas duas figuras, mas ele chama isso no prefácio do livro, em algum momento. Olha, tem uma cidadela para ser trazida à tona. Isso daí, me impressionou muito, Como em 1870, ele pôde trazer isso. Se vocês quiserem também ver essa dupla face, vocês vejam na Netflix os depoimentos e os documentários sobre Ted Bundy. Teddy Bundy é assim, Ele foi eletrocutado, ele morreu, já, mas ele era a chave do narcisismo.

Manipulação, controle, sedução e dupla face. Tanto que ele tem uma namorada, ele trata muito bem o filho da namorada e depois ele sai e barbariza. O **doutor Hyde sai de dentro dele e ele barbariza**, estupra. É horrível o que o Ted Bundy faz. Graças a Deus foi eletrocutado. Mas eu penso que ele **é uma chave muito importante para a gente compreender a psicopatia, mas com essas características narcísicas. Dupla face, controle e manipulação**. Veja, isso daí eu vou responder para o **Marcos Quintaes**, que **me perguntou algo em torno do vínculo**. Na live passada. Eu penso que, assim, **Um dos piores vínculos é da mãe psicótica, né? Ela tem um vínculo com os filhos de extensão**. Os filhos, por exemplo, de uma mãe psicótica. **É como se fosse o braço dela, né? Não tem uma ideia, não tem alteridade**. Não dá para um braço sair falando e tendo

singularidade. **Ele precisa funcionar como extensão do corpo dela. Mas isso é muito, Eu acho, muito sofisticado para pensar o narcisismo.** Muito sofisticado.

Narciso e eco. **Narciso quer um objeto, ele vê no outro um objeto. E eco, infelizmente, se oferece como objeto.** Ambos. **São características da perversão.** Se a gente fizer a coisa muito depurada, aparecem esses traços de perversão. Então, **Narciso... Como ele vê o outro como um objeto, ele manipula e controla.** Se vocês quiserem **uma versão filosófica para isso, é o maquiavel no livro O Príncipe.** Porque **Maquiavel inaugura na modernidade uma ética instrumental.** Vale dizer, **não importam os meios desde que alcance o fim. É assim que pensa Narciso.** Importam os meios, desde **que eu chegue ao fim que me interessa.**

Então, **o outro, Para ele, é um objeto de controle e de manipulação. É, talvez, a coisa mais desértica em termos de alteridade, porque não tem um outro,** não tem. O que você tem é um objeto de controle e manipulação. Aí eu vou me lançar a mão De dois filmes que eu recomendo vivamente para vocês. A Heberly vai colocar um deles aí no chat. O primeiro chama-se “À meia Luz”, entre parênteses “Gaslight”. Gaslight é o Lampião, Estamos falando de um Lampião, onde o marido da figura que está no filme, Ele aumentava o lampião e diminuía o Lampião. E ela foi enlouquecendo com ele. É a primeira vez que aparece o Gaslight, em 1940, através deste filme maravilhoso, do Torold Dickinson. **O que o narcisista, maligno ou psicopata ama fazer? Dissociar a mente do outro.** É isso que ele ama fazer. Então, **o Gaslight é uma dissociação da mente, porque as percepções da pessoa são invalidadas.** Se vocês quiserem ler isso na psicanálise, está aqui nesse livro do Bollas, “Sendo um Personagem”. Tem um artigo chamado “O Inocente Violento”. O Bollas é um poeta, então ele dá nomes maravilhosos para coisas terríveis.

O inocente violento é o narcisista, maligno ou psicopata, que não é assim nomeado, mas que tem as características do que eu estou falando, do narcisista maligno ou psicopata. Por quê? **Uma das características deles... É jamais ter responsabilidade sobre qualquer coisa.** Então, **eles têm o que se chama na psicanálise, uma identificação projetiva, invertida.** Isso daí, assim, na canalha que tomou poder, é inacreditável, abundante. **Os crimes deles são colocados no outro.** Então, isso, que é a identificação projetiva, invertida. **Não só não há responsabilização pelos atos cometidos, mas eles invertem e colocam num inimigo da vez. Quem fez isso foi o partido oposto, foi o outro, Não fui eu.** **O Bollas apreende o inocente violento no consultório. A outra coisa que ele traz à tona é essa dissociação da mente dele, analista, pelos seus analisandos. Pela invalidação da percepção.** Então, é uma paciente que ele trabalhou muitos anos e tudo que ele tentava falar, ela invalidava. Tudo que ele tentava falar, ela invalidava. Até que ele não falou mais nada, porque ele não tinha mais segurança, ele, né? Christopher (Bollas) não tinha mais segurança em fazer qualquer fala, qualquer interpretação. Ele estava completamente invalidado. Isso, daí, **é uma característica do aprisionamento mental e do gaslight.**

Para isso, tem que dissociar a mente. A pessoa passa a conviver com uma parte da mente dela que está enlouquecida. Nós estamos em 1940. Em 1944, surge um outro filme que está na Prime Video, gente. Não deixe de ver. É do George

Cukor. Em 1944, com a Ingrid Bergman. É excelente o filme, maravilhoso e, de novo, o filme chama-se *Aí sim*, “Gaslighting”, é uma refilmagem do “À meia Luz”. Vocês podem assistir. E é maravilhoso. O que acontece com esse psicopata do filme? Ele matou a tia da esposa dele. Ele matou a tia. Só que ele não foi descoberto quando ele mata. *Aí* ele vai atrás da Ingrid Bergman. E ele se diz apaixonado e conquista, ela, seduz ela e traz ela para... A cidade em que eles moravam, porque ele quer descobrir os rubis da tia, que foi uma grande artista. Então, veja, O que eu quero dizer com isso? Não é ela que é o objeto que interessa ao psicopata. Ele quer esconder o seu crime de ter matado a tia. Então, ele enlouquece a Ingrid Bergman, é maravilhoso. Por que ele enlouquece? Inclusive publicamente, Ele vai enlouquecendo. Porque se ele for denunciado, ela será invalidada como testemunha.

Aí fica muito claro, **nem é o outro que interessa para ele, nem aquele que está enlouquecendo, é ele mesmo que interessa**. Ele está fazendo isso como artifício para alguma coisa. Eu acho esse filme realmente... maravilhoso. Eu quero ir terminando, mas eu quero falar ainda uma coisa. **A década de 40 do século passado, de 50, produziu conceitos importantíssimos, que nos permitem hoje interpretar melhor o que está acontecendo.**

Por exemplo, **Gregory Bateson, Ele produziu a ideia do duplo vínculo e da dupla comunicação**. Esse conceito do Bateson foi parar na antipsiquiatria. **Ronald Laing**, “O Self Dividido” (“**The Divided Self**”/ “O Eu Dividido”), que eu, recomendo vivamente, e o **David Cooper**, “**A Morte da Família**”. Só para citar dois grandes textos da antipsiquiatria. **Não tinha ainda a medicação para cortar a construção delirante psicótica**. Então, **a antipsiquiatria se esmerou para descobrir como que a pessoa se tornava esquizofrênica. E ela se tornava esquizofrênica por causa da comunicação**. Então, imagine a importância disso para nós.

Ronald Laing construiu um conceito memorável, da mãe esquizofrenogênica. Ela esquizofrenizava os filhos através da comunicação dupla ou do duplo vínculo. A antipsiquiatria desaparece com essa pesquisa maravilhosa sobre a comunicação entre humanos quando surge a indústria farmacêutica e o Aldol, que... O Aldol é o... **Símbolo do antipsicótico, que medicaliza abundantemente, mas não tem mais referência da própria doença mental**. Seria isso.

Outro grande autor que eu recomendo e que sobreviveu à antipsiquiatria é um americano chamado **Harold Searles**. Ele escreveu um livro que eu penso que foi uma das marcas mais importantes que eu tive na vida, chamado “**Como deixar o outro Louco**”. É maravilhoso esse livro. **Todos nós devemos ler, porque nas interações sociais, já aí e lá, somos convocados à loucura, pela própria comunicação**. Então, é um livro majestoso, só tem em francês, precisava muito ser publicado, “Como deixar o outro Louco”. O Harold Searles, a última vez que eu o procurei no Google, Ele estava vivo e tinha 102 anos. Acho que agora já faleceu. Mas, assim, Ele produziu algo memorável em torno da comunicação.

Eu vou pegar mais um aspecto. **Eu falei, então, da dupla face da lei, do controle e da manipulação, da dupla face do... Narcisista maligno ou do psicopata**, E quero terminar dizendo, **neste livro, “A sombra do Objeto”, tem um artigo muito bom, chamado “Introjeção Extrativa**. E na introjeção extrativa, **o Bollas fala do**

roubo do self. Mas é possível roubarem meu self? Está assim, de roubo do self. **Como é que você rouba o self de alguém?** Como professora, **eu vi muitos professores roubando o self dos outros.** Um professor costumava dizer, Amnéris, o que eu mais gosto de fazer... É puxar o tapete do aluno, para lhe dar um choque de realidade.

Ele não se escutava, porque puxar o tapete do aluno é invalidá-lo. Desculpa, mas é um traço psicopático muito forte. Mas as pessoas não têm esses recursos, então, está achando que está dando choque de realidade, Mas está **invalidando a fala do outro, diminuindo a fala do outro e roubando a fala do outro.** Desculpa, **trata-se de roubo do self.** Eu não sei se vocês acompanharam, eu acompanhei fortemente o caso Turpin, nos Estados Unidos. Se vocês quiserem procurar no Google, T-U-R-P-I-N. Era uma mãe e um pai que tiveram 13 filhos e torturavam os 13 filhos. Porque nos Estados Unidos é muito comum o homeschooling. Então, não mandava para a escola, eles não tinham relação, eles viviam isolados, tinham bastante dinheiro e torturavam os 13 filhos. Até que um que mal falava, mal falava, conseguiu escapar e denunciar pai e mãe, que hoje se encontram presos. Mas eles torturavam e roubavam o self dos filhos. Então... Então, um pai, uma mãe pode roubar o self dos filhos.

Ainda essa semana, Uma paciente me dizia, Estava eu contando para uma pessoa toda entusiasmada sobre um projeto e, como meus amigos estavam felizes com o meu projeto. E o amigo me falou, Eles falaram também que você está velha? Isso daí... trata-se de roubo do self. Ela estava alegre, alegre, contando o que estava acontecendo. Vem o outro e solapa, rouba o self, rouba a alegria dela. Por quê? Porque ela sabe que ela está velha. Mas, naquele momento, foi roubo do self, foi jogar para baixo. Então, **roubo do self é uma coisa que psicopata faz,** gente. Aí, narcisista, maligno, Talvez não, mas eu acho que faz também. Mas psicopata, ele vive de roubo do self. E, **dependendo do grau, porque psicopata é muito inteligente,** pode ser muito inteligente, **ele pode querer roubar a sua vitalidade, a sua criatividade, a sua alegria.**

Ele pode roubar coisas, bens inacreditáveis. Como é que ele faz? **Ele sabe fazer, porque ele está com a vítima sendo manipulada e controlada. Eu tiro muito da boca das pessoas a ideia de que são parcerias.** Não, O maníaco do parque não fez parceria com ninguém. O maníaco do parque encontrou vítimas. **São vítimas, porque a pessoa que é honesta e que tem... Uma ética e que tem alteridade, Ela também tem confiança nas relações.** Então, **há uma certa entrega cada vez que a gente está com alguém.** Agora, **Se você é sistematicamente manipulada e enganada, você é vítima. Você não é coparceiro de psicopata,** nenhum. Você é vítima.

Então, eu quero trazer mais um elemento e aí eu encerro. Que é o BOLLAS, meu amigo, BOLLAS. **Neste livro, se vocês quiserem encontrar esse texto, chama-se “A estrutura do Mal”.** É sobre psicopatia. É sobre serial killer. Esse livro, Esse texto está no nosso, não é mais meu, no nosso blog, chamado “Por Que BOLLAS?” Nós traduzimos e deixamos lá. Então, vocês procurem “No Por Que BOLLAS?” que vocês encontram esse texto que não está traduzido para português esse livro. Mas **ele lá tem um conceito. Que eu gosto muito, que é de desilusão catastrófica.**

Quando que você tem uma desilusão catastrófica? Eu vou pegar um exemplo que todos conhecem.

Quando o Collor entra para destruir os Marajás, no dia seguinte, Nós somos assaltados na poupança. Aquilo foi uma desilusão catastrófica, que levou muitos ao suicídio. Porque descobriu a dupla face de com quem estava. As pessoas que eram mais críticas, meio que sabiam um pouco, aonde o Collor ia chegar. Mas **as pessoas ingênuas, que, inclusive votaram no Collor, elas tiveram uma desilusão catastrófica no dia seguinte.** E muitas se mataram. Porque a desilusão catastrófica é quando o Ted Bundy, no seu fusca amarelo, Pegava uma vítima que estava pedindo carona, e ele se mostrava todo simpático, Ele se fazia de aleijado e buscava ajuda, Ele tinha muitos macetes de sedução. E a vítima entrava no fusca Amarelo, E, de repente, percebia que, ao invés de ir para a cidadezinha, onde estava acordado do Fusca e do Ted Bundy levá-la, percebia que estava com um psicopata. **A desilusão catastrófica é paralisante.** E não pensem que vocês precisam encontrar um Ted Bundy para fazer isso.

As relações de psicopata, todas produzem uma desilusão catastrófica. A mente se divide entre aquilo que você imaginava que ia te ajudar, com quem você tinha alguma confiança, e aquele que se mostra na hora H. Então, tem uma desilusão catastrófica. Nos documentários do Ted Bundy, eu descobri uma vítima dele que conseguiu fugir quando ele preparava a mesa de tortura para ela. Ela conseguiu fugir e se atirou num rio. Ela só apareceu para denunciá-lo 30 anos depois. Eu acho isso fabuloso, porque **a pessoa que... Passa pela desilusão catastrófica, Ela demora muito para se recuperar, porque a mente dela se divide.**

Então, **não é uma divisão à la Melanie Klein, entre o bem e o mal. É uma divisão que te cinde a alma e você precisa de muitos recursos e muito tempo para se reorganizar.** Eu penso, E só para terminar, que **o Collor ainda mantinha uma dupla face. Ele era ainda o caçador de Marajá e por trás, ele era Mr. Hyde.**

O inominável não tem mais dupla face. O programa dele é a destruição. Ele não nos enganou. Ele disse o que ele vinha fazer e ainda assim, encontrou adeptos. Mas **a dupla face é um recurso que eu acho mais sofisticado da perversão e do psicopata. Nem todos têm. Hoje parece que até abrimos mão disso.** Desculpa falar muito, mas eu precisava falar tudo isso. Encerro aqui. Agora, a Cris e a Lili vão me fazer alguma pergunta ou quem está nos escutando. Farão perguntas que hoje nós responderemos com muito prazer. Muito obrigada a todos por me dar esse espaço de fala.

Cris:

Bom, Aminéris, obrigada por isso. Eu acho tão importante que isso circule, que isso seja denunciado de alguma forma. Isso destrói tantas vidas. Estava aqui pensando, de por dois caminhos que se encontram aí, que ficou povoando aqui na minha cabeça enquanto você falava. Você ficou falando da... **Eu conectei um pouco com a minha sensibilidade contra transferencial também,** né? E eu me

lembrei de um sentimento que acho que às vezes acomete, às vezes não, sempre me acomete nesses casos, né? Assim,

Amnéris:

que é o nojo,

Cris:

né? Fiquei pensando muito no nojo, né? **Fiquei pensando nesse nojo, que muitas vezes, na hora que você vive o abuso, Ele não está posto, mas muitas vezes, assim, o nojo que o próprio narcisista e o psicopata... Tratam a vítima, muitas vezes, no sentido de, Às vezes você está do lado na cama e a pessoa nem te toca, E é uma coisa de um nojo que manifesta, que vai também matando psiquicamente, aquela autoestima e depois aquela cisão, e depois esse sentimento, depois, muito tempo depois, A própria vítima passa a lembrar daquilo com muito nojo, daquilo que viveu, E queria complementar isso. Com uma coisa que eu vou chamar de um tingimento, assim, que é...** Porque muitas vezes, um relato que a gente escuta também, né? E lembra Quando viveu, É esse sentimento de nossa, **Estando naquela companhia, eu fiz coisas que não são da minha ética, que não são dos meus valores, né?** Então, nessa... Que dá uma ica, assim, né? **Um nojo de si também, né?** Então, quando essa morte psíquica vai acontecendo, né? **O que eu percebo muitas vezes é que a pessoa rouba o self mesmo e chama de seu projetos, viagens, gostos.** Que era um da outra pessoa, e que você fica meio chocado, porque você fala, meu Deus do céu, Mas isso era meu, né? E quando você vê, tá ali com o outro, e o outro realizando, né? Assim, a luz do dia, assim. E, ao mesmo tempo, essa introjeção, né? Essa, essa, essa, aí, como chama? Mitificação projetiva, né? Assim, que vai matando mesmo, assim, né? E eu fico pensando se isso não tem a ver com esse tingimento, porque é muito esquisito, isso. Parece que, Parece que...

Amnéris:

Você está usando tingimento? Você está usando tingimento?

Cris:

Tingimento, porque parece que você fica tingida das cores do outro, que depois você não reconhece. Não é que... É uma outra idade. Você se outra de algum jeito, mas é um outro que depois não cola. **Depois que isso passa, que acaba, não é algo que você fala, bom, Agora isso é meu, Descobri um lado meu.** É uma coisa esquisita, que **parece que você que roubou a podreira do outro,** de algum jeito. Vou chamar assim de um jeito. tosko, né? E aí eu só emendaria isso com uma outra pergunta, né? Que eu acho que... Para dar um segmento para isso, a gente teve a roda no coletivo aestésia ontem do Ambiente, do Blues do fim do Mundo. E a gente ali com um amigo querido, meu, que é

fotógrafo, fotografa a terra, a Gaia faz tempo, e todas as desgraças que vêm acontecendo, Ele foi se colocando ali no mundo, foi colocando as viagens dele para Antártida e o apequenamento que isso causa perante Gaia. **E eu fico pensando nessas matrizes de subjetivação. Que não são vendidas, porque a grandiosidade, o antropocentrismo, é muito colocado ali. O grandioso é você ser um eu humano grandioso.** Então, eu queria te perguntar das linhas de fuga nesse sentido, de uma realidade como essa, Quando a gente está em contato, quando a gente se põe numa outra realidade, **quando a gente tem uma explosão de outras ontologias gritando nos nossos ouvidos.** Você vê alguma linha de fuga por aí, nesse sentido, né? **Da gente não ficar nesse ser antropocêntrico, narcísico, né? Que precisa, para isso, mortificar o mundo, mortificar o outro, porque serão sempre relações extrativistas, né? Onde o outro morre para eu me apropriar, para eu usar, né?** Não sei, pensei algo por aí, vou parar porque minha cabeça já abriu dez abas enquanto eu falava aqui.

Amnéris:

Eu vou tentar colocar alguma coisa, porque eu não quero perder, tá? Depois, eu te dou a palavra, Cris. E dou a palavra para os outros. Eu penso que **esse nojo que você diz**, eu penso que **é uma aversão.** Essa vítima do Ted Bundy, ela fica 30 anos para denunciar, gente. **A aversão é muito grande pelo que acontece, porque é medo da morte,** Claro que é medo da morte, **Mas é a surpresa da divisão da mente, e do Gaslight, E de tudo que nós falamos.** Mas eu penso que... Você descreveu muito bem. Não se trata de recuperar o que eu estava fazendo com o outro. **Se trata de se perceber como vítima,** meu. **Porque é aí que está a chave.** **Eu estava fazendo uma composição com o outro? Não.** Talvez Eco e Narciso, num grau menos letal, possa ser compreendido. As minhas pacientes eco, elas rapidamente ganham... Força, rapidamente. Narciso vai embora. Quando chega no meu consultório, fica pouco. Mas trabalhar com as personalidades Eco é uma chave muito interessante, porque elas estão sendo roubadas de si e elas se recuperam rápido. Mas isso num grau de narcisismo, que não é o **narcisista maligno e o psicopata.** Eu sinto muito de ter perdido essa live, Eu estava tão a fim de assistir e fui perder.

Depois deve ficar gravada, Você me passa, por favor. Eu penso que, eu vou falar uma coisa bem esquisita, mas é o que eu penso, tá? Esquisito, mas... Tem a minha verdade, pelo menos no pensamento. **Eu acho que quando nós somos roubados do amanhã, que a gente não tem mais para onde ir, está aprisionado mentalmente,** porque estamos numa situação muito grave, **A situação é desesperadora, assim que eu vejo.** Porque, **de um lado, a extrema-direita, o fascismo, e, de outro lado, a crise climática. E, de outro lado, a desigualdade social, gigantesca, necropolítica.** Estamos num momento cultural e civilizatório muito grave.

Mas **quando nós somos roubados do amanhã, o que acontece?** E o que está acontecendo? **Se a gente pensar em termos energéticos,** e eu penso em termos energéticos, **você regride. O que está acontecendo é uma gigantesca regressão da sociedade. O fascismo regride.** Para ficar na regressão. **Ele quer trazer os**

bens da Idade Média para a modernidade, porque ele, os fascistas, A extrema-direita, gente, não se individua. **Eles viraram pedras**, pedregulhos. Pense nisso. **Não tem individuação possível**. Então, A regressão deles é para alcançar... Menina, veste rosa, menino, veste azul, Uma pauta nostálgica.

Mas eu penso que **as pessoas mais críticas, e nós estamos vendo isso na sociedade, regridem para encontrar outros mundos possíveis e trazem esses outros mundos possíveis. Nós estamos numa individuação coletiva extraordinária e nós precisamos desse conceito para poder... Compreender o que estamos vivendo.** Porque **se a gente continua**, desculpe a minha fala, aristotelicamente, pensando que os seres são acabados, identitários, com identidades formadas, Os coletivos têm a sua forma, o Estado-nação, **Nós estamos cheios de categorias de conhecimento que não funcionam mais, que estão vencidas. Nós precisamos avançar com outras categorias de conhecimento.**

Eu penso que a ideia de uma individuação coletiva me permite ver o que está acontecendo como coisas muito novas. O movimento LGBTQIA+, ele se propõe a ser identitário, Mas **se eu olhar um pouquinho mais para baixo, nós vemos uma diversificação extraordinária.** Assim como nós, vimos uma diversificação no povo preto, nos quilombolas, nos povos originários, com **fricções ontológicas jamais pensadas no Brasil durante mais de 500 anos.** Então, **nós estamos vendo coisas muito novas, sentidos muito novos, explodindo de individuações coletivas.** Sem esse recurso, Eu acho que me dava um tiro na cabeça. Vou clamar, sim, porque a gente fica muito sem saída. **Com novas lentes, com novas categorias de conhecimento, a gente pode celebrar. E celebrar muita coisa nova que está acontecendo.** Ou seja, Eu penso que as individuações sempre são assim, encavalamento.

Um mundo está morrendo e outro nascendo. Sempre elas funcionam assim, nos indivíduos funcionam assim. **A gente regride. Tem uma morte em vida, porque a regressão é muito dolorosa, mas, ao mesmo tempo, A gente está já encontrando outros mundos possíveis.** Então, outra paisagem possível em nós mesmos indivíduos, na sociedade, nos coletivos, nos grupos. Aqui nós estamos, já nos individuando, gente. A individuação é permanente e hoje pode ser pensada... coletivamente. **Penso isso graças ao Simondon**, porque o Jung trouxe a chave da individuação. Mas **o Jung está no século passado e pensou a individuação no indivíduo. O Simondon pensa a individuação nos grupos, na sociedade, em tudo que existe. É individuação permanente.** Com isso, **uma renovação incessante de tudo.** E eu penso que olhar por aí... Traz paz, **para mim, traz paz. Ver o mundo morrendo e o mundo nascendo.** Então, Eu sou muito otimista e penso que **as linhas de fuga estão dadas. Nós precisamos saber olhar com outras... Categorias de conhecimento.** Mas paro por aqui. Diga, Cris.

Cris:

É, muitas coisas também, que você conseguiu fazer um fio aqui. Eu queria agradecer todo mundo que está nos assistindo. Obrigada. Essa questão importante do paralelo, não é por acaso que **o Bolas coloca essas categorias do**

narcisista, do border, do maníaco depressivo. Parece que são coisas que estão no consultório, mas são no mundo. A gente falou aqui bastante do narcisismo, mas se a gente falar do border, é um mundo que está em ebulição, Um dos grandes problemas internacionais que a gente enfrenta hoje é a questão da imigração, é a questão das fronteiras, é a queda do Estado-nação. Então, para mim, É muito claro que essa coisa do border vai estar muito viva, também. E assim, fazendo uma associação muito agora, selvagem aqui, Me parece que **essa coisa do maníaco depressivo me lembra muito a questão do consumo**. Eu vou lá, eu consumo. Tem aquela alegria imediata, Naquele segundo, aquele objeto já não faz nenhum sentido, E aí eu caio na depressão, né? Que é esse consumo inveterado, né? Uma coisa que você falou que a gente achou importante aqui, que a gente se olhou aqui,

Amnéris:

é que sim, **o narcisista, Ele acha feio o que não é espelho, né? Então ele vai minando, sim, Assim como o psicopata, ele vai ficar minando o tempo todo a relação, né?** Ele fica todo tempo,

Cris:

né?

Amnéris:

Tentando desfazer, o que a gente chamou de vítima. E a pergunta, assim, São duas.

Cris:

Por que?

Amnéris:

Acho que deve ter muita gente aqui, que é da psicologia complexa, que é junguiana, enfim. Então, falar um pouquinho dessa questão do roubo do self enquanto conceito, um pouquinho melhor, Porque **para a psicologia analítica, talvez isso não exista, de roubar o self**. Então, acho que é um pouquinho, **talvez seja importante diferenciar um pouquinho O self do Bollas, o self do Jung**, que eu acho que sempre é uma chave de leitura interessante. E a outra pergunta é, no sentido que eu falei antes, dessa coisa *ecoica*, né? **Se a gente tem narcisos, a gente tem ecoístas**. Então, **Se a gente pensar nos conservadores como narcisistas**, se a gente pensar nos campos progressistas, seja lá o que isso quiser dizer, né? Como ecoicos, **porque a gente fica todo o tempo respondendo ao que os conservadores falaram, e não uma pauta própria, uma pauta individuante**. Então, acho que isso talvez seja uma coisa importante de observar também e

avançar nessa questão de como a gente pode inverter esse quadro, Como é que a gente pode lançar mão de... Da clínica e da questão dessa individuação coletiva nesse sentido. E outra coisa que, assim... Cris, diminua, Porque senão eu não consigo... Não,

Cris:

é só fazer **uma observação da questão do identitarismo**, que eu acho que eu entendi o que você quis dizer, Mas talvez não tenha ficado muito claro para as pessoas. Tem uma frase da **Grada Kilomba** que eu acho ótima, que é. **“Eu não sou discriminada, porque eu sou diferente. E me torno diferente através da discriminação.”** Então, quando você fala assim, Os identitários querem se representar, mas eu acho que **é muito mais o sentido dessa pluralidade** que a gente estava falando, de achar pares, então, **de achar palavras para achar pares**, e de achar, **Se colocar na luta**, do que exatamente uma coisa de um, uma coisa de eu vou ficar, Não que isso também não exista, mas acho que é muito menos, Eu vou ficar nesse lugar tão petrificado quanto da direita. E muito mais tentar achar pares, **tentar achar outras pessoas que vivem o que eu vivo**, né? Tanto é que tem muito mais do que a sopa de letrinhas do LGBTQIA+, gente, eu esqueci algum, desculpa, tem muito mais letrinhas, né? Só que não estão ainda oficializadas, Então eu acho, talvez, um pouco nesse sentido, também. Obrigada. Depois, tem perguntas, tá?

Amnéris:

Então, eu vou pescar alguma coisa, no que você falou. Eu acho que... **Essa coisa que você propõe do borderline, é muito interessante**, porque **o Borderline não tem fronteiras**, é a característica dele, Ele não tem fronteiras **bem constituídas**. Então, nesse sentido, **a gente pode, como licença poética, ver o mundo com esta lente borderline, porque as fronteiras estão estremecendo, todas, todas**. E isso é uma característica do nosso momento, né? Quer dizer, **não existiria fricção ontológica se tivessem fronteiras muito bem delineadas**. Então, eu penso que **pode ser uma chave interessante pensar por aí, um mundo que estremece suas fronteiras**.

Em relação aos autores do self, **eu reconheço três autores do self, Donald Winnicott, Bollas e Jung**. Mas eles fizeram essa construção do self de maneira muito diferente. **Para o Bollas e para o Donald Winnicott**, que eles são mais próximos, **O self verdadeiro é um ponto misterioso e sagrado, que, de alguma maneira, é o seu idioma pessoal, se for reconhecido**. Então, **na medida que você pode se singularizar, O seu self verdadeiro é aquilo que há de mais precioso em você**, que são **características ou qualidades que, num primeiro momento, são informes, infinitas**.

Não é que vem algo chamado Self verdadeiro. Para o Bollas, tudo se dá através da relação. Então, **se uma criança for olhada, for vista, Na sua singularidade, ela desdobra o seu self. Se ela não for, o self verdadeiro dela não é passível de**

desdobramento, e ela fica uma espécie de personalidade fantasmagórica. Então, o desdobramento do self depende do testemunho e do olhar do outro.

Também é assim para o Donald Winnicott. Através de todo um campo conceitual, riquíssimo que ele vai construindo, que são os objetos transicionais. O Bollas não usa muito isso, mas ele está pensando nesse self que precisa se desdobrar. **Para o Jung, um Jung dinâmico que eu gosto, e não um Jung de definições e de classificações, que aparece, O self verdadeiro aparece nas individuações. Então, quando você se individua, você reconhece que o Ego não é o senhor da casa. E você reconhece algo como se fosse um destino, que também é assim no Donald Winnicott e no Bollas.**

Mas esse aparecimento do self dentro de uma dinâmica individuante é um momento de epifania maravilhoso, onde você reconhece algo que sobrepassa o próprio ego. São... Construções muito diferentes de self.

O Jung... **quem traz à tona a ideia de introjeção é o Ferenczi. O Jung não tem essa ideia.** É uma pena que Tony Wolfe não tenha essa ideia, que Jung não tenha, porque eles fariam uma festa, gente, numa dinâmica “interno e externo”. Mas não tem importância. Eu reconheço a importância deles, mesmo sem esse conceito.

O Bollas tem. Então, o self, ele é meio que torneado, ele aparece, ele brilha através das relações. Então, eu penso que esse cabedal, nem sei se essa palavra existe, essa coisa tão rica que cada um de nós é, ou somos, que você distingue, nossa, como a Cris é singular, como a Carmen é singular, como a Amnéris tem uma singularidade. Onde está a singularidade da Amnéris? Eu sempre me espanto, mas as pessoas me acham uma pessoa muito vital. Estou caindo. Quase meia boca, meia morta, Mas sou muito vital. Essa é uma qualidade de self que aparece no meu idioma pessoal. Eu diria que os meus invejosos invejam isso em mim. Aqueles que me invejam é por aí, por essas qualidades de self que não são construídas, Nasceram comigo, com meu DNA, né? Mas que os invejosos, eles têm em mira elementos que a gente nem sabe que tem, tá? Então, **é isso que é roubado, esse ponto misterioso, esse ponto sagrado de cada um de nós que nos pertence. E que, se tudo vai bem na vida, brilha.**

Então, eu penso que o Bollas, para mim, tem essa capacidade de nos trazer para fora de um campo simbólico esmagador. Eu penso que **o self faz isso por nós.**

Você meio que vai construindo um mundo de objetos culturais. Você vai selecionando como Spinoza propõe e organizando o seu próprio mundo.

Então, eu penso que **é isso que muitas vezes é roubado.**

Não podemos falar isso do self do Jung. Porque o aparecimento dele é outro. Ele se dá num processo individuante e como uma epifania de si mesmo. Tem algo além do meu ego. Você descobre isso. E se deixa conduzir pelo self a partir daí. O que é muito interessante, porque você confia no seu destino, digamos assim, livremente. E eu penso que isso são determinações de self diferentes.

Agora, **o roubo do self É uma marca do Bollas, porque ele constrói esta noção a partir desta qualidade de self, que nos passa até desapercebida, Cris. Então, eu penso que é isso. Não dá para colocar, justapor, o self dos três. Eles são**

muito diferentes na sua aparição, mas o roubo do self é uma coisa que eu... O Bollas construiu o que eu acho muito impressionante, porque **eu vejo o roubo do self. Nos professores, roubando aluno, nos pais, roubando os filhos**, Isso é muito... E às vezes, não. Às vezes, proporcionando a validação do seu self. *Puxa, que pergunta interessante que você fez, Cris.* **Estou validando você.** Agora, eu posso também te roubar. Ah, não. *A questão é bem mais complexa do que essa que você propôs, Cris.* **Roubei, seu self, meu.** É assim que funciona. Temos perguntas aqui. Vamos a elas.

Cris:

Então, três super perguntas, a princípio. Eu faço uma, faço as três.

Amnéris:

Vamos vendo. Então,

Cris:

A primeira é do Marcos Nereu, e ele fala da fúria narcísica. **Se pensarmos a fúria, a raiva como filhas do medo, podemos inferir que o narcisista está sempre sob intenso medo?** Vale essa inferência?

Amnéris:

É muito boa essa pergunta, né? Eu penso que vale. **Ele está sempre dependendo da validação alheia.** Assim, gente, **O narcisista não tem solidude. Ele é solitário.** Ele não... **eu Tenho uma mente povoada.** Desculpa falar de mim, mas **eu me faço companhia 24 horas por dia.** Eu posso ficar, se alguém me trancar dentro de uma gruta e me esquecer lá, Depois de 10 anos, eu tenho um monte de livro para publicar, porque eu me faço companhia. **Eu tenho uma conversa intensa comigo mesmo. O narcisista não tem.** Isso daí é muito grave. Ele tem uma mente que **é uma mente desertificada.** Desertificada. Então, **ele precisa insistentemente da validação do outro.** E quando alguém infringe uma... **Uma pequena mordida na imagem dele, faz uma crítica, Ele tem fúria narcísica.** Isso é **em função da desertificação da mente. Do medo que ele tem de si mesmo. Ele tem medo de si mesmo, ele é vazio.**

Lili:

E acho que até é uma construção que é feita para fugir desse medo, para fugir dessa desertificação.

Amnéris:

Aí ele tem uma fúria narcísica em cima de alguém, e ele começa a aprisionar a pessoa até através da fúria narcísica, porque a pessoa não quer mais viver a fúria narcísica com o outro.

Lili:

Mas a fúria narcísica dá spoiler, né, Amnéris, do Hyde, do Jekyll, né? Assim, quando vem, né?

Amnéris:

Ah, ele, assim, ele vai penetrando a face sedutora, a face do próprio aprisionamento, né? Então, o filme de 1944, também **o filme de 1940**, a personagem principal, que é **a Ingrid Bergman**, Ela **é obrigada a perceber que o seu grande amor foi uma ilusão. O que dói muito**, hein? Dói muito. Mas ele vai preso, porque tudo que ele fez para proteger o seu próprio crime vem à tona. Então, eu penso que... **Não tem crime perfeito para o psicopata, mesmo que seja um crime menor. Ele acaba sendo descoberto, A verdade vem à tona, e ele vai ficar mal. Mas essa figura eco, ela... Ajuda na denúncia de Narciso, porque ele permite que ele se tinja**, Como você disse, **nas suas duas faces**. Que foi o que aconteceu com o Collor. Eu acho que o que aconteceu com o Collor foi uma tragédia grega, que a gente deveria ficar de boca aberta. E o que aconteceu com o Lula? também, a prisão do Lula e toda a farsa da psicopatia da extrema-direita. Eles são vencedores. Porque os crimes do psicopata vêm à tona.

Lili:

O psicopata tem um crime?

Amnéris:

Eu acho que **o crime dele é a própria psicopatia dele, as duas faces**. Esse é o grande crime, porque **ele engana, ele manipula, ele engana, ele seduz**. Eu acho que esse já é o seu crime. **Você viver a desilusão catastrófica...** É uma coisa tenebrosa, **Quando você percebe, se dá conta nas mãos de quem você está**. Não sei se eu respondi. Para o Nereu, é Nereu que ele chama?

Cris:

Isso.

Amnéris:

Mas tentei.

Cris:

Qualquer coisa, ele comenta. Vou falar duas perguntinhas aqui, porque uma é bem fácil. Primeiro, a Solange. **Será que estamos congelados emocionalmente? Porque essa paralisação é uma identificação com o agressor.** E a Ana Lúcia pergunta, **E o que é o falso self?**

Amnéris:

Não é nada facinha de responder.

Cris:

Eu disse que é rápida. Não fácil...

Amnéris:

Veja, **O Bollas não trabalha com o falso self.** Para ele, **O self do Bollas é muito valente.** Ele não é um self que precisa ser protegido pelo falso self. Que o falso self é uma defesa de proteção do verdadeiro self para o Winicott. Como para o Bollas, o self é mais valente, **Ele é robusto em cada um de nós,** ele não precisa da defesa do falso self. Mas, **no Winicott,** como é que a coisa funciona? **O falso self é sempre adaptativo. Protege o verdadeiro self.** O Donald Winnicott chega a falar num texto que, às vezes, **a pessoa se suicida para proteger o verdadeiro self.** Ele tem essa visão do suicídio, que eu acho magnânima, né? Quer dizer, **você fica numa situação tão sem saída que é melhor morrer do que trair teu verdadeiro self.** Maravilhoso, isso, né? O Bollas não tem a ideia de falso self, Ele poucas vezes usa. **E o verdadeiro self do Bollas, põe o cerco. Do Jung, Eu acho que nos processos individuantes, também. O verdadeiro self se põe, e se põe de forma valente,** Porque, a partir daí, **você descobre o ponto misterioso em você, e você meio que submete seu ego ao self,** O que eu acho maravilhoso também. E qual era a outra pergunta que eu esqueci, Cris? Será que estamos...

Lili:

O James Hillman também, né, Cris? “O suicídio e alma” vai muito nesse caminho, né? Às vezes, **o suicídio é para proteger o que ele vai chamar, que a alma quer,** né? Acho que vai muito nesse sentido, né?

Amnéris:

Vai muito nesse sentido também.

Cris:

A outra pergunta era, **Será que estamos congelados emocionalmente? Porque essa paralisação é a identificação com o agressor.**

Amnéris:

Eu acho que é uma forma de defesa essa paralisação. Gente, sinceramente, se meter e **acompanhar O noticiário** internacional, a crise climática, **é uma coisa que é muito destruidora de subjetividades.**

Eu penso que a gente precisa estar consciente, mas que tem um custo muito alto. As pessoas estão muito abaladas na sua subjetividade. Ou se reconstituindo através de processos identitários. Eu não sou contra o processo identitário. **Os processos identitários são muito importantes frente ao Estado.**

Como é que eu vou reivindicar políticas públicas se eu não tenho um grupo no qual eu me identifico? **Mas se você olha um pouco mais para baixo da identidade, você descobre uma tremenda diversificação de possibilidades existenciais,** que, frente ao Estado, se torna identidade. Então, **eu acho que é um recurso político. Mas o que existe é uma diversificação inacreditável do social e da civilização e da cultura.** Estamos num momento maravilhoso nesse sentido. Mas eu penso que o congelamento é uma forma de defesa, é a indiferença.

E penso também, junto com essa pessoa que fez a pergunta, que **existe a identificação com o agressor, sim.** Porque não é possível que o inominável diga Eu quero matar 30 mil e quero destruir o Brasil e tem adepto, gente. **Ou você tem uma identificação com o agressor, ou você tem uma mente dividida e você acompanha a culpabilidade do outro. Ah, é o outro.** É o comunismo inventado, que não tem nenhum sentido. É o comunista, o Papa é comunista. O Lula é comunista, eu sou comunista. Não tem nenhum sentido mais.

Mas eu me alivio, **eu me alivio de uma parte, odienta minha, porque eu faço uma identificação projetiva, invertida.** Então, Eu penso que **a pessoa chama de identificação com o agressor.** Eu penso que **é isso que está movendo gente que reza para pneu,** gente que acha que... Os ETs vão nos ajudar. Quer dizer, é tão sem cabimento, o que a gente vê. **São aparentemente surtos que as pessoas vão tendo e que a gente fica até abalada na sua cognição, porque nem compreende o que está acontecendo.** Mas eu penso que **tem um grupo de perversos que sabe fazer a coisa e um grande grupo de pessoas ingênuas. Que não conseguem pensar o que está acontecendo e que se identifica com o agressor.** Pode ser uma ótima chave essa.

Lili:

Amnéris, **e o negócio dessa identificação com o agressor, às vezes também não vem pela pertença,** né? Estou pensando nessa coisa que vocês estavam falando dos supostos identitarismos, né? Estava pensando isso, que óbvio, né? Assim, uma vez... Na verdade, O que existe mesmo é isso que você está falando, né? Uma luta pela pluralidade, pela diversidade da vida, né? Agora, óbvio, porque teve um que um dia nomeou que existe um jeito de viver e o que está fora disso não cabe. Óbvio que, uma vez que foi nomeado para fazer políticas públicas para o grupo, precisa se identificar como grupo, Mas tem uma distinção nisso. E eu fico pensando isso, porque ou você está desse lado e você vive, ou você... Congelou,

Amnéris:

Congelou bem, bonitinha. Será que...

Amnéris:

Lili, O que eu penso é que **o fascismo se coloca contra a diferença. O Narciso não gosta de ver nada que não seja o seu espelho. Então, a diferença, o fere profundamente.** É por isso também **a nostalgia do passado, onde o mundo para eles tinha uma ordem que eles não querem ver vencida. Uma ordem sexual e de gênero.** Que, aliás, Não é raro encontrar grandes psicanalistas que também se colocam contra. Tenha visto, Madame Rudinesco, o que ela fez na entrevista da Cult.

Então, de repente, você encontra... Tem um livro que eu gosto muito, da Mariana Pongo, que eu recomendei para todos lerem. Eu quero fazer uma live com ela. Nossa, esse livro é maravilhoso para ver como **a grita, dentro da própria psicanálise, contra o transexualismo, contra figuras como o Preciado, que realmente não dão mais possibilidades da psicanálise ser dicotômica e trabalhar com esse dualismo masculino e feminino.** Então, não é só a extrema-direita que não quer ver a diferença. A diferença fere o nosso próprio narcisismo, Eu diria assim.

Cris:

O documento da Ludmilla. Isso, Ludmilla. O quanto também a individuação do outro incomoda esse sujeito, o desejo de manter a vítima cristalizada nos modos conservadores e opressores. Me individuar é o mesmo que cometer algo criminoso, pois não posso me separar de você, nem mesmo na minha cognição, nas minhas ideias, é uma tentativa real de amarrar o outro a si.

Amnéris:

Ludmilla, Será que é a minha querida aluna?

Speaker 0 | 90:13.502

Ludmilla Rodrigues.

Amnéris:

Ah, eu não sei se é. Mas eu penso que sim, **individuação é o grande tormento do fascismo.** O grande tormento do fascismo é a individuação, **porque a individuação não é a construção de uma diferença qualquer, é a diferença em nós mesmos.** Quando a gente se diferencia de nós mesmos, não há quem fala, Não há possibilidade de reter. Então, a individuação é o terror Da extrema-direita. Por isso que ela está tão borbulhante. Que bom, né? Porque, realmente, eu penso

assim. Eu já falei isso na outra live, e volto a falar, porque me perguntaram, na live lá do Marcos Quintaes. **Eu penso que cada um de nós tem um grau de outramento, de tornar-se outro.** Muito diferente, gente. Tem gente que não para de se individuar. É um horror. Tem gente que se individua, sei lá, em alguns momentos da vida, mas não é que não se individua depois. **A gente está em permanente individuação, mas ela não é notável.** Isso para o Jung e para o próprio Simondon é assim. **É na vida adulta que você pode acompanhar a sua individuação. Por isso, A individuação é na metade da vida. Mas não é essa a única individuação que o próprio Jung teceu.** Essa ideia de acompanhar a sua individuação, que é riquíssima, **Quando tem um analista que pode acompanhar com você, que pode mover, perceber a possibilidade da sua diferença.** Eu faço isso muito. No consultório. **A pessoa se individua e, de repente, Ela começa a ter percepções da realidade diferente, começa a se ler de forma diferente.** E eu fico... insistindo, olha, Estamos no momento da individuação em que **a paisagem interna mudou. E você tem outros desejos, você quer outras coisas,** porque **se não aparece como, Sei lá, um amadurecimento da personalidade,** uma coisa esquisita para mim.

Não, acabou de ter uma individuação, vai ter bênçãos, vai ter novos desejos, vai ter novos encontros, vai mudar de turma.

Literalmente, é assim. Uma pessoa que tem uma individuação mais forte muda de turma, procura outras companhias, Porque aquelas que a pessoa estava até então precisam ser deixadas de lado ou não ter tanta prevalência porque ela mudou. É muito o que acontece no movimento LGBTQIA+. De repente, eu me lembro de uma live que eu vi lá no IJUSP, Lili. Que vieram os hermafroditas. Eu já te falei, aquela live acabou. É isso, é. Porque eu fiquei muito impressionada com o sofrimento daquelas pessoas e da aliança da família patriarcal, com a medicina, roubando a identidade delas, roubando. Aquilo lá me marcou muito. Eu fiquei muito agradecida por aquela live, porque eu falei, gente, O buraco é mais embaixo. Realmente, uma diferenciação muito grande e um roubo das identidades.

Então, **Eu penso que individuar-se é uma chave que você não para.** Então, eu estava falando do grau de outramento. **Cada um tem um grau de outramento diferente. Tem gente que se individua a vida inteira e nota que está se individuando. Tem gente que, em alguns momentos,** a vida adulta... A passagem, a enantiodromia que o Jung falava, é a passagem da vida adulta que me faz perceber a individuação.

Tem gente que, sinceramente, virou um cristal, virou uma pedra, que não vai se individuar. Os normóticos não se individualizam porque eles são tão adaptados, tão adaptados, que o bem-estar da vida é funcionar. Então, dificilmente se individualizou. E fascista, desculpa, não se individualizou nunca. Então, **eu penso que tem graus de outramento.** Mas esses graus de outramento, é uma ideia que eu estou trabalhando agora, Eles são **acompanhados de graus de alteridade.** Quanto mais você se diferencia de você mesmo, maior é o seu, vamos dizer assim, o dar as mãos para a alteridade. Dar as mãos para a diferença. Você não tem mais medo da diferença. Ela não te abalou mais.

Lili:

Mas eu acho que é isso que você... Nossa, eu achei bárbara, essa ideia que você traz, assim, né? Não é um amadurecimento, né? É uma individuação. É maravilhoso, porque você rompe com essa identidade, né? Porque eu acho que o que faz essas pessoas serem tão horrorosas com as pessoas? intersexo, assim, de mutilar, inclusive fisicamente, né? Porque elas precisam de uma identidade, não, a pessoa intersexo, né? É esse parâmetro identitário que fica por baixo, né? **Uma sociedade que é caot... Colocada ainda, não no devir, mas na identidade.**

Amnéris:

Com certeza. Enquanto isso,

Lili:

é deletério, porque eu acho que é isso que tem de medo, Quando a gente fala do falso self, você vê ruim, A Maria Moura diz, embaixo dos pés, Aquilo que primeiro eu sou, homem ou mulher, não tem mais. É, não tem.

Amnéris:

Nossa, que alívio não ter. Eu me reconheço.

Lili:

Mas **as pessoas têm muito medo desse devir**, Eu acho.

Amnéris:

Muito mesmo, porque, olha, isso daí para mim, eu já pensei muito. Uma sociedade, **Por que a civilização ocidental é tão calcada na substancialização? Numa espécie de atomismo, tem uma essência, tem algo que é eterno na pessoa.** Eu penso que isso tudo é muito assim, **isso nos dá segurança**, gente. Eu penso que **a própria ciência foi nessa direção, porque dá segurança. Alguma coisa que é muito palpável e substancializada, Eu posso manipular, no bom sentido do termo. A ciência é fundamental nesse sentido para produzir uma tecnologia de manipulação. Você manipula tudo.**

Então, eu penso que tem uma demanda de segurança por trás de tudo isso. Que não mais nos pertence nesse momento. **Não adianta. Você segura e escapa.** Então, Eu penso que **estamos num momento em que realmente o mundo velho e o mundo novo estão se dando as mãos, se encavalando, E a gente pode contemplar essa maravilha do que está acontecendo, e não ficar só com medo. Eu tenho confiança na vida, tenho muita confiança na vida.** Isso daí vai dar num outro lugar. Opa, eu quero ir junto, né? Outro lugar. Não quero ficar petrificada, Deus meu. Mas eu acho que fomos além do horário.

Cris:

Temos mais só uma pergunta. São duas em uma, porque elas são um fio. Primeiro, a Ludmila fala que é aluna do professor Madi, e as perguntas se desconectam. Então, a Ana Lúcia pergunta, cadê as análises de grupo? Principalmente grupos de adolescentes, e a Solange fala, Excelente live, obrigada, Acho que estamos no trauma e o fascismo avança. Associação para sair do trauma. Será que os coletivos são a grande saída?

Amnéris:

Sexo coletivo? Será que eu escutei?

Cris:

Será que os coletivos são a grande saída?

Amnéris:

Sexo coletivo, Estou já meio bêbada de ter falado muito. Mas eu penso, sim, **Os coletivos são uma grande saída.** Você não tem mais... **A ideia de Estado-nação é uma ideia burguesa, A ideia de uma sociedade homogênea é uma ideia burguesa, uniforme. O mundo está se desfazendo, está se desfazendo em Brasis.** Eu acho que **essa ideia do antropólogo Stélio Marras entrou em mim muito fortemente,** sabe? **Não tem mais uma sociedade integrada.** E penso que **esse será o desfecho, Vamos constituir coletivos diferenciados.** E não é ruim essa ideia, porque eu não quero conviver com fascista, desculpa, Essa aqui é a bolha, quero, **eu quero uma bolha, porque eu não quero conviver com fascista,** O que eu vou fazer? Então, eu penso que essa ideia de coletivos diferenciados está na ordem do dia. Qual era a outra pergunta que eu esqueci?

Cris:

Não, era isso mesmo, na questão dos... Só pela observação da questão dos adolescentes, porque está muito... Ah,

Amnéris:

dos adolescentes. **Adolescentes é assim, É a grande questão que a gente não entende mais.** Acho que essa série adolescência pegou todo mundo, né? Porque... **Está muito grave deixar as pessoas, os adolescentes, entregues à internet, entregues a um mundo que oferece muitos perigos, mesmo, por pertença, Porque as pessoas precisam muito de pertencimento.** Então, **elas se enfiem em lugares inacreditáveis para pertencer.** Eu acho que isso **é uma necessidade humana. Ter um coletivo, ter um grupo de pertença,** de pertencimento. **Isso pode ser perigoso.** Vamos, então, gente? Eu adorei. Muito obrigada por terem me escutado. Ah, eu estou vendo aqui quem fez a pergunta. Solange. Sexo coletivo. Ela tem medo de mim. Eu senti isso também...

Lili:

Então vamos obrigada Amnéris. Maravilhosa, obrigada meninos,

Amnéris:

Até a próxima, tá bom?